

A presença do discurso religioso nos quadrinhos da turma da Mônica

Rosemary Evaristo Barbosa
Universidade Federal da Paraíba

ABSTRACT: *Considering that language is a vehicle of ideology, this paper takes into account the relation involving language/subject/ideology, under a discourse perspective, focusing on language starting from social practice, or rather, based on the religious context in which individuals are inserted in. So, we intend to display that discourses circulating in those stories act as vehicles portraying points of view which stem both from the social memory and also from the relationship among the subjects, proving, this way, that juvenile literature is not deprived of religious ideology.*

PALAVRAS-CHAVE: quadrinhos; discurso; religião.

Tendo em vista que os discursos estão sempre se reproduzindo e se repetindo, embora com roupagens novas, a cada instante se (re)formulam visões de mundo condizentes com a situação de discursivização em que se encontram os sujeitos. Ao lado de uma estratégia discursiva que marca a presença da subjetividade na fala ou na escrita (ou em qualquer outro tipo de linguagem utilizada), há uma sujeição inconsciente do indivíduo que reflete, no discurso, as determinações ideológicas adquiridas ao longo de sua vida. Assim, haverá a reprodução das práticas institucionais entre sujeitos, no momento da enunciação.

Essa reprodução pode vir de diversas maneiras, da mais evidente a mais sutil, mas sempre se encontrarão em qualquer discurso valores, estereótipos e posicionamentos institucionalizados que moldam e afetam o pensar, o sentir, o fazer, o criar, o escrever e o falar dos indivíduos. Então, dependendo da situação em que se encontre, o sujeito transmitirá ideologias diversas. E, para identificá-las, precisamos analisar o discurso proferido, observando os temas e as figuras ali presentes, as quais indicarão o sentido que leva a uma determinada concepção de mundo e/ou de vida, ao tipo de ideologia abordada no discurso. É, pois, através dos postulados da semântica discursiva e da Análise do Discurso que analisaremos os discursos presentes nos quadrinhos de Maurício de Sousa, a fim de salientar a presença do discurso religioso como resultado de uma prática sócio-cultural mantenedora de ideologias religiosas, ou seja, faremos uma leitura da estrutura discursiva (análise interna) desses quadrinhos identificando os temas e as figuras que representam determinadas concepções e práticas da instituição igreja, para chegarmos à ideologia que predomina em dada narrativa seqüencial (análise externa). Desse modo, observaremos, além do dado lingüístico, a própria constituição da narrativa e as atitudes das personagens que corresponderão ao aparelho ideológico do Estado Igreja.

A instituição religiosa aparece em algumas histórias e tiras de *A Turma da Mônica*, representada pelas concepções das Igrejas católica e evangélica, pela Doutrina Espírita Cardecista, pela Cultura Indígena, pelo Candomblé. São tratados, pois, pelos discursos, temas que dizem respeito à existência de Deus e do Diabo; céu e inferno; vida após a morte; à existência de espíritos de mortos que vagam pela terra, assustando e maltratando as pessoas; bem e mal; presença de anjos da guarda, entre outros. Vejamos a primeira história:

A seqüência de quadros apresenta um suposto monólogo que na verdade é uma conversa que Horário está tendo com Deus. Suas palavras revestidas de sentimentos bons e positivos enaltecem a natureza e a vida que ela sustenta. Desse modo, aprecia o mundo de cima de um monte, observando a paisagem e “todo aquele verde, toda aquela vida pulsando, pujante, até onde a vista alcança!”.

Por ser um expectador da vida, Horário sabe apreciar o que é bom, o que é belo, o que dá prazer, por isso sempre direciona as suas palavras para coisas boas. Mesmo diante dos problemas que não são seus, sempre age de modo reflexivo, respeitando os limites do outro, ou alertando sobre as dificuldades dos problemas ou até mesmo minimizando-os. Só os seres contemplativos e reflexivos como Horário sabem valorizar a natureza como um todo, reconhecer que toda essa vida foi criada por um ser maior, bondoso, divino. Por isso diz: “Parabéns! É uma beleza de criação!”.

Ao produzir tal enunciado olhando para cima, a personagem Horário está figurativizando o tema da crença em Deus por meio de sua ação, já que faz parte do ritual religioso decorrente de certos dogmas de que Deus vive no céu, e como o céu fica acima de nossas cabeças, ao dialogarmos com o pai celestial, dirigimos nosso olhar para cima (o que acontece também durante os cultos evangélicos ou nas missas – as imagens de Jesus crucificado e a dos Santos estão sempre numa altura acima das cabeças dos fiéis). Além disso, esse enunciado direcionado a uma personagem, que não está explícita na história, é facilmente compreendido pelo leitor porque a situação que envolve a fala de Horário remete a um conhecimento de mundo partilhado pelas pessoas que creem na existência de Deus e na concepção bíblica que trata da origem do mundo: “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis, cap. 1 v.1).

É, pois, a memória discursiva do leitor que vai estabelecer o sentido aqui apresentado pelo enunciatador, porque haverá o reconhecimento de histórias bíblicas. Mesmo aqueles que se definem como “Ateus” podem entender para quem Horário direciona o seu diálogo, tendo em vista que os relatos das histórias bíblicas fazem parte da nossa cultura e da formação religiosa do povo de um modo geral. Não há como se isentar do conhecimento desses dogmas religiosos, embora haja discordância de visão de mundo e descrença na existência de Deus.

Desse modo, os “Ateus”, mesmo não cultuando Deus, vivem numa sociedade em que a grande parte da



população mantém vínculos religiosos – o que faz com que os fatos bíblicos sejam sempre lembrados e revividos, entranhando-se cada vez mais na memória coletiva de uma sociedade – o que originará as formações discursivas e ideológicas das gerações futuras.

Como exemplo dessa lembrança de valores religiosos, temos na personagem Chico Bento e nas suas revistas representações dessa prática. Vejamos os trechos:

CHICO BENTO



Nessa primeira tira, encontramos a figura do padre, representando o tema da crença em Deus, já que a instituição Igreja Católica o autorizou a ser o representante de Deus na Terra. A personagem que legitima o discurso da religião católica está conversando na Igreja com crianças, o que nos faz supor, por meio da nossa memória discursiva, que se trata de uma situação de educação religiosa, ou seja, aulas de catecismo. E, que essa aula de catecismo aborda a existência do paraíso celeste, já que temos a presença da palavra “céu”, a qual, neste contexto, assume o sentido utilizado nos discursos religiosos que apregoam e disseminam a palavra de Deus por meio do evangelho - informação que está inserida apenas no único dado lingüístico da narrativa seqüencial.

A crença em Deus e na existência do mundo espiritual é reforçada nesses quadrinhos, por meio de uma voz social representada pela figura do padre e pelo seu argumento de autoridade, tendo em vista que Chico Bento sai da igreja com a mensagem transmitida pelo mestre religioso e a transforma numa prática, que de certa forma concretizará os anseios de quem tem fé e esperança na vida eterna: desenha no chão um caminho que o levará até o céu.

Como podemos verificar, essa brincadeira conhecida por “amarelinha” ou “academia” vem representar justamente a concepção religiosa da existência do céu e do inferno e o caminho a ser trilhado por todos nós: se quisermos viver eternamente ao lado de Deus, teremos que seguir o caminho do bem, que nos levará ao paraíso celestial. Foi essa mensagem transmitida pelo padre a Chico Bento, que por sua vez a repassará aos leitores, por meio da figura do desenho que fez no chão e da palavra “céu”. Essas atitudes de Chico Bento representam, aqui, as visões de mundo do enunciador, que assumiu um discurso religioso que trata da crença da existência de Deus e do paraíso celestial, por meio de uma formação ideológico-discursiva, da memória social adquirida e cultivada ao longo de sua vida, em suas práticas sociais. Observemos a tira número 2:

CHICO BENTO



Já na tira 2 temos novamente a figura da mão de Deus segurando uma enxada, ajudando Chico Bento a arar a terra. Essa mão vem reiterar o primeiro quadrinho, que foi constituído com base também de uma memória social, derivada de nosso contexto sócio-cultural.

É a partir do conhecimento do ditado popular “Deus ajuda a quem cedo madruga”, portanto do intertexto, que a ideologia religiosa é repassada - o tema da ajuda de Deus que aparece na fala de Chico Bento vem, pois, figurativizado na prática dessa fala. O levantar-se cedo para ir ao trabalho além de simbolizar uma prática positiva, também revela o esforço feito pelos trabalhadores, que serão recompensados: Deus ajudará a todos aqueles que não têm preguiça para trabalhar, ou seja, desejos e sonhos serão concretizados se os comportamentos das pessoas agradarem a Deus. Como sabemos, a preguiça é vista pela Igreja Católica como um pecado capital e, para não sermos pecadores, segundo os ditames católicos, temos que agir de acordo com a vontade de Deus. É o que faz Chico Bento nessa história, reforçando novamente a visão de mundo nutrida pelo enunciador, com relação à instituição Igreja.

Já na história inserida na revista do Cebolinha de nº 150, vamos encontrar o tema da “proteção divina” associada à existência do bem e concretizada por meio das atitudes da personagem Anjinho. Vejamos:



A figura do Anjinho, nessa história, representa a imagem dos anjinhos das Igrejas, dos altares e dos motivos religiosos. Ele tem olhos azuis, cabelos cacheados, loiros e é branco – o arquétipo do anjo católico. Sua caracterização física remete justamente a um discurso religioso que configura a imagem de seus santos e anjos de forma bela, atraente e delicada. Desse modo, os anjos não poderiam ser desenhados, pintados ou esculpidos de forma grosseira ou assustadora – afastariam os fiéis da Igreja.

A personagem Anjinho é configurada dentro dos padrões religiosos. É um ser divino, delicado e bom. Por ser ainda uma criança, estaria mais próximo do universo infantil: o Anjinho conhece toda a *Turma da Mônica*, responsabilizando-se pela proteção de seus amigos quando necessário. Do mesmo modo é configurada a personagem Diabo, fruto do arquétipo religioso na representação do mal – ser de aspecto grosseiro, repugnante e maquiavélico. Ambas as figuras salientam duas energias antagônicas, o bem e o mal, relacionadas ao tema da “proteção divina”, visto que é essa concepção religiosa enaltecida nessa história.

Lendo os quadrinhos, podemos compreender que o argumento levantado pelo Diabo para convencer o Anjinho coloca em evidência dois discursos: o primeiro refere-se ao discurso religioso que trata da questão do pecado, da fraqueza humana diante das tentações mundanas, como também lembra a tentação

pela qual passou Cristo, nos seus quarenta dias de caminhada pelo deserto; o segundo remete aos estereótipos da mulher-macho e do corpo perfeito que são uma característica da personagem Mônica. Utilizando-se desses discursos, o Diabo tenta persuadir o Anjinho de seus intentos celestiais e divinos, oferecendo-lhe recompensas, que o fariam vivenciar outras realidades.

Como verificamos, a utilização dos argumentos e atitudes dessas personagens sustenta a importância de se combater o mal com a prática do bem, atitude esta pregada pelas instituições religiosas que seguem os ditames cristãos e os mandamentos que dizem: “Amai a Deus sobre todas as coisas” e “Amai ao próximo como a ti mesmo”, pois quem ama a Deus segue os seus ensinamentos não praticando o mal, tampouco cai em tentação, pois nele está fortalecido – é a mensagem que os quadrinhos trazem por meio de um discurso religioso enaltecido pela figura do Anjinho, que neste contexto salienta a concretização do tema “prática do bem”, em toda a sua plenitude, já que toda a conversa e as ações das personagens giram em torno de um discurso religioso que prega a existência de Santos e Anjos da guarda, como também a existência do Diabo. O enunciador, ao compor essa história, enaltece os valores divinos através das figuras “Anjinho” e “carregar no colo o Diabo debilitado”, mostrando aos leitores que o bem sempre vence o mal (o Anjinho não caiu em tentação) e que os valores morais e religiosos estão acima do egoísmo, da falta de solidariedade e da maldade (o Anjinho socorre o Diabo).

Existem também outras histórias que tratam de questões espirituais, baseadas no conhecimento de outras religiões diferentes da católica e evangélica. Embora as manifestações religiosas sejam apoiadas pela lei, a ideologia religiosa internalizada pelas pessoas faz com que haja discriminação e conflitos. Por

isso, nas revistinhas assinadas por Maurício de Sousa, os discursos religiosos que aparecem nas histórias são legitimados por contextos específicos, os quais “permitem” que certos conceitos sejam veiculados, sem que haja conflitos ideológicos. A presença da religiosidade, ou melhor dizendo, de expressões religiosas diversas, nesses quadrinhos, é consequência de uma formação discursivo-ideológica eclética, por meio da qual são ressaltadas visões de mundo que (re)afirmam a existência do sincretismo religioso, reflexo do nosso contexto sócio-histórico e cultural, algo bastante evidente nos quadrinhos de Maurício de Sousa, principalmente nas histórias de Papa-capim, Chico Bento, Anjinho e Turma do Penadinho.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Rumo Gráfica Editora Ltda, 1970.
- BARROS, Diana Luz. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. 7 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- Cebolinha. Mês de março, nº 150. Ano 1999.
- Chico Bento. Mês de julho, nº 327. Ano 1999.
- _____. Mês de setembro, nº 331. Ano 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.